

Como os críticos vêem Gilberto Freire nos dias atuais?

Diego Alves, Felipe Pedroza, Joséllo Carvalho, Pablo Pereira, Vagner Ribeiro

Gustavo Henrique Tuma e Sergius Gonzaga criticam a exaltação de raças e classes feita por Gilberto Freire. Gonzaga afirma que Freyre não emite as partes negativas do processo escravocrata brasileiro, pois acha importante até a agressividade dos coronéis, chegando a dizer que esse sistema trazia mais benefícios que o capitalismo. Tal afirmação constitui uma ambigüidade, porque Freyre também chega a dizer que os negros foram mais importantes do que seus donos, e os exalta (junto com índios e mestiços) no processo de formação étnica do nosso país.

Porém, Gonzaga destaca que os acertos foram maiores que os erros, pois Freyre realça a força essencial dos escravos, ou seja, sua resistência às hostilidades e suas qualidades na agricultura. Essa afirmação foi motivo de polêmica em 1933. O índio brasileiro também teve algo ressaltado: não era inútil e selvagem. Em determinados aspectos, era superior ao colonizador; um exemplo disso era a higiene pessoal.

Já Tuma afirma que o autor pernambucano considera o indígena indolente e inconstante, e ressalta que os índios da América espanhola (incas, maias e astecas) possuíam cultura superior aos índios que viviam no território brasileiro. O negro, porém, é de uma raça superior ao indígena. No seu livro mais famoso, *Casa Grande e Senzala*, Freyre apresenta duas realidades distintas: ao mesmo tempo em que criticava os brancos dominantes, exaltava a importância do sistema implantado por eles, mesmo que de modo relativo. O autor, por fim, critica a idéia de Freyre de que a miscigenação das raças amenizaria os conflitos da sociedade brasileira, principalmente por falar que os mestiços seriam uma raça “eugênica”. Assim, afirmando que o mestiço era superior ao europeu, ele cai no mesmo erro dos autores “tradicionais” que valorizam a cultura branca, apenas invertendo a ordem racial.